

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO TERÂPEUTICO NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO

STORYTELLING AS A THERAPEUTIC RESOURCE IN PSYCHOPEDAGOGICAL CARE

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-026>

Mônica Heloisa Marcelo Lopes

Graduado em Pedagogia pela UNICESUMAR.

E-mail: monicacaheloisalopez@hotmail.com

Andréia Cristina Cruz

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Especialista em Educação Especial pelas Faculdades Maringá e em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Infantil e Séries Iniciais

e Neuropedagogia pelo Instituto Rhema Educação - FATEC.

E-mail: andreia_projetouem@yahoo.com.br

RESUMO

O encantamento da contação de histórias desperta um mundo mágico onde instiga a criança um mundo surreal que desenvolve a paixão pela leitura além de propiciar um vínculo afetivo com o psicopedagogo. Este artigo irá elencar a contribuição da contação de histórias no atendimento psicopedagógico em clínicas e escolas, abrindo amplamente a visão do psicopedagogo nas diversas possibilidades de inserção deste recurso pedagógico em seu atendimento. A contação de histórias é um dos métodos mais antigos utilizados e a criança através dela desenvolve diversos aspectos, vinculando a afetividade, suas emoções a uma aprendizagem lúdica e significativa. Abordaremos a relevância deste recurso refletindo nas interações com a leitura desde bebês, potencializando a função do psicopedagogo em buscar meios que se concretize a contação de histórias como um recurso válido em sua terapia. Apresentaremos metodologias que contribuam para esse tipo de trabalho, visto que o tema é pouco analisado na área psicopedagógica.

Palavras-chave: Contação de histórias; Afetividade; Aprendizagem; Ludicidade; Literatura Infantil.

ABSTRACT

The enchantment of storytelling awakens a magical world in which the child instigates a surreal world that develops a passion for reading, in addition to providing an affective bond with the psychopedagogue. This article will list the contribution of storytelling in psychopedagogical care in clinics and schools, broadly opening the psychopedagogue's vision in the various possibilities of insertion of this pedagogical resource in its care. Storytelling is one of the oldest methods used and the child through it develops several aspects, linking the affectivity, its emotions to a playful and meaningful learning. We will address the relevance of this resource by reflecting on interactions with reading from infancy, enhancing the role of psychopedagogues in finding ways to realize storytelling as a valid resource in their therapy. We will present methodologies that contribute to this type of work, since the subject is little analyzed in the psychopedagogical area.

Keywords: Storytelling; Affectivity; Learning; Ludicidad; Children's Literature.



1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é elencar a relevância da contação de histórias na intervenção psicopedagógica bem como sua função terapêutica e afetiva nesse processo.

Na contemporaneidade em que estamos inseridos, a tecnologia tem sido vivenciada pelas crianças desde a mais tenra idade, e o uso de recursos como a contação de histórias tem se perdido no processo de ensino aprendizagem, resultando em lacunas que se refletem posteriormente na aprendizagem da criança.

Sendo assim, este trabalho apresenta a seguinte pergunta de pesquisa : Como a contação de histórias pode ser usada como recurso terapêutico? Como nós futuros psicopedagogos podemos utilizar deste recurso para adentrar o imaginário, as emoções da criança?

O encantamento da contação de histórias desperta um mundo mágico onde instiga a criança um mundo surreal que desenvolve a paixão pela leitura além de propiciar um vínculo afetivo com o psicopedagogo. A contação de histórias possibilita esse elo afetivo entre o terapeuta e a criança, visto que a afetividade no ambiente psicopedagógico deve ser alcançada para que haja sucesso na intervenção, além de possibilitar a criança a entrada para um mundo imaginário em que ela se coloca no lugar dos personagens, e assim pode-se tomar atitudes de acordo com o envolvimento que se tem na história.

A pesquisa desse tema se deu pelo pequeno número de pesquisa sobre o mesmo no trabalho psicopedagógico, visto que é um recurso que visa instigar e refletir em situações vivenciadas pela criança auxiliando na intervenção do psicopedagogo na formação desse sujeito. Saber a função terapêutica desse recurso, proporcionando novas descobertas e conhecimentos acerca do assunto destacou o interesse na utilização deste recurso no atendimento psicopedagógico.

A contação de histórias se perpetuou ao longo da história e é facilitadora para que o psicopedagogo construa o conhecimento da criança através da afetividade, criando um ambiente repleto de imaginação, criatividade, acolhedor e inspirador, elementos fundamentais para que a criança se auto reconheça e ao próximo, podendo ser utilizada em todas as idades. De acordo com Queirós (2009):

[...] É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. [...] Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. [...] Neste sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços onde circula a infância (QUEIRÓS, 2009, s/p).

É nesse mundo de ficção que a criança encontra a liberdade para expressar suas emoções, medos, receios e frustrações. Devemos proporcionar à essa criança em terapia o contato com a literatura, pois através dessa mediação poderão ser sanadas dificuldades relacionadas a leitura, bem como possibilita vivenciar suas próprias emoções, a fantasia, imaginação, criatividade favorecendo a estabilidade da linguagem e pensamento.



O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância de se levar para a terapia a literatura, a contação de histórias, estimulando o desejo pelos livros e despertando as diferentes emoções na criança, além de ter este recurso como essencial durante a intervenção, levando o sujeito a uma formação integra leitora, refletindo também na vivência da criança como ponto de partida para uma intervenção mais afetiva e repleta de emoção e novos conhecimentos.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, sendo que o primeiro é a Introdução. O capítulo dois elevará a importância da história, fantasia para a formação do sujeito, reforçaremos que desde bebês devemos oportunizar o contato com a literatura, o que se dá de maneira simples como uma canção de ninar, e até mesmo o próprio corpo da mãe e como a fantasia pode ser aliada a formação do sujeito.

No capítulo três, a função do psicopedagogo e a contação de histórias como recurso terapêutico abordaremos a função do psicopedagogo enquanto mediador do processo ensino aprendizagem e também seu dever de conhecer o processo de aprendizagem e saber intervir de forma lúdica para alcançar a aprendizagem significativa do aluno. No tópico 3.1, a criança e o reconto de histórias, possibilitaremos ao leitor uma visão a luz da criança como agente de ação no reconto de histórias e o que favorece no desenvolvimento da criança essa estratégia de contar a história. No capítulo 3.2, o psicopedagogo e as metodologias acerca de literatura infantil, pontuamos algumas metodologias, estratégias e recursos que podem ser utilizados pelo psicopedagogo em seu atendimento clínico. Por fim, as conclusões.

2 A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA, FANTASIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

O contato com a leitura se dá desde o ventre da mãe. Ainda na vida intrauterina a mãe através de pequenos versos, canções populares, parlendas poderá proporcionar o primeiro contato de seu bebê a cultura escrita, estimulando assim o prazer pela leitura.

No Programa Alfabetização na Idade Certa PNAIC em um de seus cadernos Bebês como autores e leitores para a Educação Infantil foi ressaltado como seres tão delicados e frágeis são tão ativos e cheios de possibilidades. Foram realizadas diversas experiências com bebês, enriquecendo os conhecimentos sobre a vida mental e afetiva do bebê e intervindo no acompanhamento lúdico, poético e afetivo em bebês, colocando o corpo da mãe como o primeiro livro que a criança lê, a voz, o colo são páginas que oferecem a criança a letra de sua própria vida. Segundo o PNAIC (2016):

Ler é, então, uma atividade muito mais ampla que ler livros, ler letras ou ler palavras. As operações de atribuição de sentido começam muito precocemente na vida da criança, o esforço de interpretar está presente desde o nascimento; considerar essa realidade na vida da criança pode ser fundamental para acompanhá-la em seus processos rumo a leitura e a escrita (PNAIC, 2016, PÁG.18).

Com isso, podemos observar que a leitura está mais presente que imaginamos em nossas vidas se entrelaçando em eventos cotidianos, uma simples canção de ninar propicia saúde mental para o bebê, molda



a sensibilidade do bebê e é responsável pelo primeiro contato poético e lúdico na criança. Vemos a relevância desse primeiro contato na vida dos bebês, pois é uma base para o prazer pela leitura nos seus anos de desenvolvimento vindouros.

Na faixa etária de dois anos observasse que temos uma criança extremamente curiosa, que está absorvendo tudo que vê e aprende, a importância do contato com a literatura nesse momento é extrema, pois ela não consegue desvincular a realidade do imaginário, a criança se vê como personagem, ela vivencia os fatos narrados como se fosse ela mesma. O uso de fantoches, baú do conto, caixa mágica entre outros recursos traz momentos agradáveis e divertidos para a contação de histórias. Pode- se também realizar o reconto da história com personagens, pequenas peças teatrais, histórias cantadas, etc.

Mas como já elencado neste presente artigo a contação de histórias encanta todas as faixas etárias e desenvolveu vários aspectos na aprendizagem da criança, amplia o vocabulário, desenvolve a fantasia e imaginação que são elementos importantes na produção de um texto, libera as emoções, favorecem as estabilidades ortográficas, a observação a expressão de ideias além de auxiliar cognitivamente nas estruturações mentais e elaborações de bases psíquicas, auxiliando também em produzir textos com coerência.

É imprescindível para a formação do sujeito o contato com a literatura, pois amplia a visão de mundo da criança, estimula o prazer pela leitura, e o mais interessante é que se esquece do mundo real, e é nesse momento que a intervenção do psicopedagogo se torna de extrema importância, pois nesse momento o envolvimento da criança com esse mundo imaginário é tão forte e intenso que ela confia no terapeuta seus medos, aflições, cria-se um vínculo de proteção e confiança que dificilmente é destruído.

3 A FUNÇÃO DO PSICOPEDAGOGO E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO

A função do psicopedagogo é identificar a estrutura do sujeito, suas transformações no tempo, influências do meio nestas transformações e seu relacionamento com o aprender, visa buscar os obstáculos e as causas para o problema de aprendizagem já instalado, oportunizando a construção do saber através do prazer por aprender reelaborando os processos de aprendizagem e resgatando a autonomia do sujeito. É dever do psicopedagogo conhecer o processo de aprendizagem e todas as suas inter-relações com outros fatores que podem influenciá-lo, das influências emocionais, sociais, pedagógicas e orgânicas.

A nossa ferramenta de trabalho é o lúdico, utilizando-se de o novo fazer pedagógico, entre eles a contação de histórias. Buscando também conhecer a estrutura de cada família para trabalhar com a criança, valorizando a afetividade. Se não houver interação professor-aluno com relação de afetividade não haverá aprendizagem, o psicopedagogo deve encontrar meios para desenvolver a afetividade entre ele e a criança.



O psicopedagogo precisa saber o que a criança gosta, e um dos recursos que ele pode utilizar são os livros, a contação de histórias utilizando de objetos, destacando a expressividade da literatura vinculada aos contos infantis. A Intervenção pedagógica vem trazendo novas possibilidades de trabalho ao psicopedagogo que além de criar um ambiente prazeroso e acolhedor constrói conhecimentos através do afeto.

A criança com dificuldade de aprendizagem certamente possui um desconforto emocional que não se relaciona com o conteúdo que ela não consegue aprender. Wallon ressalta que a expressão emocional é fundamentalmente social, pois precede e supera recursos cognitivos Dantas, 1992, *apud* Wallon, 2007. A afetividade é a base central da construção do conhecimento do sujeito, e a contação de histórias contribuem para o vínculo afetivo, as histórias expõe sentimentos, emoções, inseguranças, tranquilidade, medos, despertam questões emocionais, fantasias, percepções e sensibilizam a criança.

De acordo com Betlheim (2002) pontua a importância da contação de histórias como recurso terapêutico:

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar aacerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e daí insolúveis. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter entrelaçados os traços do cotidiano. A natureza irrealista destes contos [a qual os racionalistas de mente limitada objetam] é um expediente importante, porque torna óbvio que a preocupação do conto de fadas não é uma informação útil sobre o mundo exterior, mas sobre os processos interiores que ocorrem num indivíduo [...] (BETLHEIM, 2002, p.25).

Muitos contos de fadas são ligados intrinsecamente com a vida real da criança, ela se reconhece nos personagens e muitos de seus conflitos internos aparecem ali, há uma comparação entre o surreal e sua vida cotidiana, o que influencia em decisões e escolhas desta criança, por isso quando apresentamos este recurso à criança, além de desenvolver várias habilidades linguísticas estaremos atingindo o psiquismo, o interior desta criança de uma maneira imensurável.

Acolher a atenção e o olhar infantil totalmente para si e se deixar assumir o controle do momento de maneira lúdica e prazerosa é um dos pontos relevantes da contação de histórias.

3.1 A CRIANÇA E O RECONTOS DE HISTÓRIAS

Uma das possibilidades metodológicas da contação de histórias é o reconto realizado pela criança. Essa possibilidade de narrar do seu modo a história favorece interações permitindo que a criança se aproprie cada vez mais dos conhecimentos adquiridos na história, garantindo oportunidades que se estabeleça laços com aquilo que ouviram. A tentativa de recontar a história ativa diversas funções cognitivas e linguísticas na criança, pois ela será convidada a recuperar em sua memória a sequência de fatos narrada, exigindo a



elaboração de informações, atenção, a expressão organizada da história, a entonação, o ritmo da narração estreitando a relação entre a criança e o psicopedagogo.

A narrativa oral de textos é uma atividade na qual diferentes procedimentos associados à reprodução de discursos entram em ação, como a citação, a paráphrase, a repetição, o comentário, entre outros. A criança, na tentativa de reproduzir o texto que escutou (e sobre o qual pensou e falou), pode repetir em diferentes graus de proximidade o que contava a história. Assim, pode resumir (parafrapear, dizer parcialmente com as palavras do texto, parcialmente com suas próprias palavras), repetir (citar, reproduzir sequências textuais com as mesmas palavras), reformular (dizer a mesma coisa que estava no texto com outras palavras), comentar (falar sobre o que o texto dizia, introduzindo ideias e valorações) a história (PNAIC, 2016, p. 73)

Pode-se dizer que o reconto favorece a criança sair de sua zona de conforto e entrar com mais envolvimento na história, oportunizando diversas possibilidades de utilização da linguagem pela criança, utilizando-se de gestos icônicos que facilitam a compreensão da linguagem, como por exemplo, colocar as mãos no ouvido quando quer dizer que o personagem ouviu algo.

A contação de histórias possibilita através da voz, narrar, cantar, recitar, dramatizar a história que pode apresentar flexibilidade de acordo com o contador em questão, agregando experiências amplas possibilitando variadas possibilidades textuais, escolhendo literatura de qualidade que contribua para esse momento prazeroso.

3.2 O PSICOPEDAGOGO E AS METODOLOGIAS ACERCA DE LITERATURA INFANTIL

Envolto ao balançar e canções de acalantos o bebê é envolvido em um mundo desconhecido da literatura, a leitura nesta fase é nutrida por inúmeros estímulos, entre eles a literatura. Mas pode-se dizer: O que um bebê entende de literatura? Atividades simples de nosso cotidiano evidenciam que as crianças desde bebês precisam estar envoltas a experiências narrativas, por meios de músicas, brincadeiras cantadas, gestos corporais. Ampliaremos as reflexões acerca de algumas metodologias práticas que o psicopedagogo poderá utilizar em cada faixa etária.

Contar histórias requer do psicopedagogo um envolvimento com tal prática educativa além do que ele possui com jogos, ou outros recursos, pois na contação de histórias o maior recurso é sua voz, seu corpo, seu afetivo. Através de canções, brincadeiras e pequenas narrações como “Cadê o toucinho que estava aqui?” Os bebês entram neste universo literário criando vínculos afetivos entre adultos e bebê, potencializando o contato poético através de jogos de linguagem de tradição cultural. O uso do baú de contos, por exemplo, fortalece o tecido social que a hora do conto é capaz de produzir. Nesse baú são colocados objetos referente a histórias já ouvidas pela criança anteriormente, como uma capa vermelha que se refere ao conto da Chapeuzinho Vermelho, a imagem de uma maçã e anões que se refere a Branca de Neve e os sete anões, retomando os contos evitando que caiam no esquecimento.



Outra atividade válida é a brincadeira com rimas, adivinhas, parlendas, jogos cantados que garantem a aprendizagem. O cantinho da leitura com os pais também pode ser utilizado, trazer os pais para a contação de histórias colabora para que a criança tenha uma experiência de leitura, relembrando a tradição oral, os pais podem contar histórias que ouvia quando era criança, estreitando também laços familiares e afetividade.

Os recursos visuais utilizados para contação de histórias são extremamente válidos e lúdicos, histórias na caixa ou em envelopes podem ser utilizadas com sucesso como, por exemplo, a história Bom dia todas as cores de Ruth Rocha, confeccioná-la em um envelope com papéis de cores variadas irá acrescentar algo mágico a história. A história Gato Xadrez de Bia Vilela também é um exemplo que pode ser feita em caixa, varal, entre outras possibilidades para transformar o momento da história em algo surpreendente e envolvente a criança.

4 CONCLUSÕES

Diante do artigo exposto pode-se concluir que o uso da contação como recurso terapêutico traz ao psicopedagogo oportunidades de identificar aspectos na criança a serem analisadas para que o atendimento ofertado seja eficiente, envolvente e cheio de possibilidades. A afetividade entrelaçada à aprendizagem garante um elo de confiança entre psicopedagogo e a criança, a contação de histórias garante esse envolvimento. O psicopedagogo como contador de histórias deve buscar neste recurso meios de intervenção na aprendizagem da criança de maneira mais lúdica, prazerosa.

Destaca-se nessa pesquisa a importância de um novo olhar para esse recurso para a resolução de conflitos internos da criança que se refletem em sua aprendizagem. Em meio a esse mundo imaginário traz em seu enredo mensagens positivas, de motivação e aprendizado para as crianças, neste cenário a contação de histórias desenvolve a função simbólica em seu ouvinte e também no contador, desafiando a criança a desenvolver habilidades de dramatização, reconhecer suas próprias habilidades de observação, síntese, comparação, análise, observações, limitações e conhecer também seus próprios sentimentos e emoções.

O ambiente psicopedagógico deve ser repleto de novas aprendizagens que possibilitem um diferencial na aquisição de melhorias educacionais, a base para a intervenção é a interação com a criança para que haja um desenvolvimento múltiplo, tanto no cognitivo quanto no afetivo.

Portanto o contato da criança com a história é mediado, essa mediação implica em proximidade física entre o contador e o ouvinte, em diferentes atividades as crianças são aprofundadas no mundo literário, desenvolvendo a imaginação, criatividade além de contribuir para desenvolver a atenção e a memória de maneira significativa e lúdica. Nossa desafio no atendimento psicopedagógico é levar esse recurso como ferramenta facilitadora da aprendizagem, assumindo o papel de mediador, criando situações de diálogo, ouvindo de fato o que a criança tem a expressar e assegurando que por meio da história seja realizado um encontro de si mesmo e um reconhecimento de sua identidade leitora. Podemos fomentar a criança a novas



aprendizagens propiciando um modelo leitor a ela sensibilizando a criança de diferentes faixas etárias, o que requer do psicopedagogo um amplo conhecimento acerca de literatura e sua importância enquanto recurso terapêutico, pois é por meio deste mundo lúdico que a criança se apropria de uma aprendizagem significativa.



REFERÊNCIAS

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Manifesto por um Brasil literário. Parati, RJ, 2009. Disponível em:<<http://www.brasilliterario.org.br/>>. Acesso em 5 out.2018.

LÓPEZ, Maria Emilia. Bebês como leitores e autores / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016.

SEPÚLVE, Angélica e TEBEROSKY, Ana. Crianças como leitoras e autoras / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.- 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Paz e Terra, 2002.